

A Internet como recurso educativo*

Paulo Serra

Universidade da Beira Interior

Índice

1 A escola e os meios de comunicação – uma relação problemática	2
2 A Internet como recurso educativo	4
3 Os riscos associados ao uso da Internet	7
4 Bibliografia	9

Preâmbulo

Mesmo que evitemos falar em “revolução”, um dos aspectos mais impressionantes da Internet é, sem dúvida, o espaço de tempo relativamente curto em que ela se desenvolveu e penetrou em praticamente todos os domínios da vida social – incluindo, obviamente, a escola.

Como ilustração desse facto, veja-se apenas o seguinte exemplo, referente ao nosso país. Num Seminário promovido pelo Conselho Nacional de Educação em 1993, sobre *A Educação e os Meios de Comunicação Social*, o conferencista da primeira sessão, dedicada precisamente aos *media*, refere ainda como “novos meios de comunicação social” a rádio e a televisão, sublinhando “os pro-

gressos alcançados no domínio da Imprensa, da Rádio e da Televisão” – não havendo, na sua conferência, qualquer referência à Internet¹, algo que acontece também nas restantes conferências do Seminário. No entanto, escassos cinco anos depois, o mesmo Conselho Nacional de Educação promovia já um Debate sobre *A Sociedade da Informação na Escola*, em que se pretendia fazer o balanço da situação da Internet nas escolas – isto na sequência da publicação do *Livro Verde para a Sociedade da Informação*, em 1997.²

Justifica-se assim, plenamente, tratar-se da questão da Internet como recurso educativo. Mas tratar desta questão implica tratar, primeiro, de uma questão mais geral, de que decorre a anterior: a da relação entre a educação ou, mais especificamente, entre a escola e os meios de comunicação. Por conseguinte, o presente texto dividir-se-á em três partes.

¹ Cf. Daniel Proença de Carvalho, “Os meios de comunicação social nas sociedades modernas”, in Conselho Nacional de Educação, *A Educação e os Meios de Comunicação Social*, Actas do Seminário realizado em 2 e 3 de Dezembro de 1993, na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Conselho Nacional de Educação, 1994, p. 27.

² Conselho Nacional de Educação, *A Sociedade da Informação na Escola* (Relatos de um Debate realizado a 29 de Janeiro de 1998), Lisboa, Conselho Nacional de Educação, 1998.

*Texto da comunicação apresentada nas Jornadas Pedagógicas da Covilhã, organizadas pela Escola Secundária Frei Heitor Pinto e que tiveram lugar no Auditório da Anil, nos dias 2 e 3 de Março de 2007.

Na primeira, intitulada “A escola e os meios de comunicação – uma relação problemática”, trataremos das principais razões que explicam, quanto a nós, que a relação entre a escola e os meios de comunicação se tenha vindo a tornar, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX, cada vez mais problemática.

Na segunda, intitulada “A Internet como recurso educativo”, referiremos as principais especificidades que caracterizam o meio de comunicação Internet como recurso educativo e a distinguem de outros meios electrónicos, nomeadamente da televisão.

Na terceira e última parte, intitulada “Os riscos associados ao uso da Internet”, analisaremos alguns dos principais riscos envolvidos no uso da Internet pelos estudantes, crianças e jovens.

1 A escola e os meios de comunicação – uma relação problemática

A relação entre a escola e os meios de comunicação tem vindo a tornar-se cada vez mais problemática – até ao ponto de hoje se falar, mesmo, em conflito entre uma e outros.³

Quanto a saber quais as razões que têm vindo a tornar cada vez mais problemática tal relação – e quando –, o pensador alemão Peter Sloterdijk⁴ situa-as, basicamente, na evo-

³ Veja-se como exemplo, para o caso português, Conselho Nacional de Educação, *A Educação e os Meios de Comunicação Social*, anteriormente referido; a nível internacional, UNESCO, *Many Voices One World* (Relatório Mac Bride), Unesco, Paris, 1980, pp. 25-29.

⁴ Peter Sloterdijk, *Règles pour le Parc Humain. Réponse à la Lettre sur l’Humanisme*, 1999, <http://www.cite.uqam.ca>. (Edição impressa: *Règles*

lução dos *media* que, a partir das primeiras décadas do século XX, conduziu ao aparecimento e desenvolvimento dos meios electrónicos – a rádio (a partir de 1918), a televisão (depois de 1945) e, mais recentemente, as redes (a partir dos anos 1970). Na perspectiva de Sloterdijk, esses meios terão destronado a cultura humanista, assente na escrita e na leitura dos “clássicos” – sejam os Antigos, na base do humanismo renascentista, sejam os Modernos, na base dos humanismos nacionais que preponderam entre 1789 e 1945.⁵ Ora, ao pôr em crise a cultura escrita e humanista, os *media* electrónicos terão posto em crise, no mesmo passo, a escola que sempre foi o principal agente de transmissão dessa mesma cultura.

Não sendo possível estabelecer, de forma positiva, a relação de causa-efeito aqui postulada por Sloterdijk, parece haver, pelo menos, razões fundadas para a admitirmos como hipótese de partida. Referimo-nos, nomeadamente, à coincidência entre, por um lado, a evolução dos *media* electrónicos, particularmente da televisão, a partir da II Guerra Mundial e, por outro lado, a crise da escola, em particular da universidade, que se começa a fazer sentir no Ocidente também a partir dessa época e explode nos finais da década de 60. Acrescente-se, ainda, que a concepção de que a televisão tem efeitos profundos sobre o conjunto da sociedade e da

pour le parc humain: Une lettre en réponse à la Lettre sur l’humanisme de Heidegger, Paris, Mille et une Nuits, 2000).

⁵ Como diz Sloterdijk, o humanismo “é, na sua quintessência, uma telecomunicação, uma maneira de criar amigos à distância por intermédio da escrita”, acrescentando ainda que “O que Cícero chamou *humanitas* é uma das consequências da alfabetização”. Sloterdijk, *Règles pour le Parc Humain*.

cultura e, assim, sobre a escola, não é exclusiva de Sloterdijk, sendo partilhada por autores tão diferentes como Pierre Bourdieu,⁶ Guy Debord,⁷ Umberto Eco,⁸ Karl Popper⁹ ou Neil Postman,¹⁰ para citarmos apenas alguns dos mais proeminentes.

A posição de Sloterdijk coloca-nos, desde logo, a seguinte questão: porque é que os meios electrónicos, em particular a televisão, terão este efeito *corrosivo* sobre a cultura escrita e humanista e, assim, sobre a escola?

Voltemos ao autor alemão. Para ele, o actual conflito existente entre a escola e os *media* electrónicos, com destaque para a televisão, repete, de outra forma, o conflito que existiu, no humanismo antigo, entre o livro e o circo, entre “a leitura filosófica que humaniza, torna paciente e suscita a reflexão, e a embriaguez desumanizante dos estádios romanos”. Assim, o que estará em causa no actual conflito entre a escola e a televisão será, em última análise, o conflito entre a “bestialidade” e a (auto)domesticação da mesma, entre os “*media* que desinibem” e os “*media* que domesticam”.¹¹

Pode-se argumentar, contra esta posição de Sloterdijk – e argumentam, geralmente, os que se colocam do lado dos meios de comunicação contra a escola –, que os meios de comunicação, incluindo a televisão, fornecem todo um conjunto de informações que

acabam por ampliar, e muito, a informação fornecida pela escola. Veja-se, por exemplo, o que acontece com canais temáticos como o *National Geographic* ou o *Odisseia*; ou, ainda, com canais e programas televisivos que são considerados como verdadeiras “pérolas educativas” – como é o caso do *Arte*, quanto aos primeiros, e do *Sesame Street*, quanto aos segundos. Os meios de comunicação parecem constituir, assim, um verdadeiro complemento da escola.

Este argumento não deixa de ser verdadeiro, pelo menos em parte. Mas ele obriga a pelo menos duas observações. A primeira, a de que aquilo que na televisão se pode considerar como especificamente “informativo” e “educativo” é mais a excepção do que a regra. A segunda, que pode ser vista como explicativa da primeira, a de que, se aceitarmos que as principais “funções” dos *media* residem em informar, divertir e educar,¹² podemos dizer que a televisão se centra no divertir – já que o informar e o educar, quando existem, têm também eles de se submeter às exigências do divertimento. Deste modo, a informação tem de se transformar naquilo a que os anglo-saxónicos chamam *infotainment* e nós “informação-espectáculo” – não sendo, assim, por acaso que, a propósito da informação noticiosa, sobretudo televisiva, se tem generalizado nos últimos tempos a expressão “circo mediático”.¹³ Quanto aos

⁶ Pierre Bourdieu, *Sur la Télévision*, Paris, Liber, 1976.

⁷ Guy Debord, *La Société du Spectacle*, Paris, Gallimard, 1992.

⁸ Umberto Eco, *Télévision: La Transparence Vide. La Guerre du Faux*, Paris, Livres de Poche, 1985.

⁹ Karl Popper, John Condry, *Televisão, um Perigo para a Democracia*, Lisboa, Gradiva, 1995.

¹⁰ Neil Postman, *Amusing Ourselves to Death*, New York, Penguin Books, 1986.

¹¹ Cf. Sloterdijk, *Règles pour le Parc Humain*.

¹² A UNESCO junta, a estas três, as funções de socialização, motivação, debate e discussão, promoção cultural e integração. UNESCO, *Many Voices One World*, pp. 14 ss.

¹³ Note-se que mesmo programas que se pretendem tão “informativos” e “esclarecedores” como, por exemplo, o *Prós e Contras*, não prescindem de uma estrutura agonística bipolar, de uma plateia, de um árbitro ou “moderadora que vigia mas também excita o combate verbal, etc.

programas ditos “educativos”, o seu potencial educativo acaba por ser submergido pela necessidade de inserir mecanismos de sedução dos seus destinatários infantis e juvenis que não lhes dá a possibilidade de distância e reflexão que a educação exige.

Perguntar-se-á: mas que mal existirá no circo ou, se quisermos, no divertimento? A acreditarmos nas teorias de inspiração rousseauniana, não deverá a própria escola ensinar de forma divertida, divertir para ensinar?

A resposta a esta pergunta é-nos sugerida, já na Antiguidade, por Aristóteles que, ao procurar distinguir o que separa a tragédia da comédia, o que é sério daquilo que diverte, diz que “procura esta [a comédia] imitar os homens piores, e aquela [a tragédia], melhores do que eles ordinariamente são”.¹⁴ E, acrescenta Aristóteles noutro passo, “A comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores [...]”.¹⁵ Já mais perto de nós, ao procurar caracterizar a chamada “cultura de massa”, Hannah Arendt¹⁶ observa que a verdadeira “ameaça” que ela representa para a cultura situa-se não propriamente na “massificação” mas na sua necessidade compulsiva de transformar todas as coisas culturais em bens susceptíveis de ser consumidos como lazeres; o que implica, regra geral, a adulteração, das próprias coisas culturais – no caso de um livro, através de modificações como a reescrita, a condensação, a transformação do texto em imagens, etc. –,

¹⁴ Aristóteles, *Poética*, II, 9, 1448 a 16, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998, 5ª edição, p. 105.

¹⁵ Aristóteles, *Poética*, V, 22, 1449 a 32, p. 109.

¹⁶ Cf. Hannah Arendt, “A crise na cultura: sua importância social e política”, in *Entre o Passado e o Futuro*, S. Paulo, Perspectiva, 2000, 5ª edição (original de 1954), pp. 249-281.

de forma a torná-las mais “divertidas”, “fáceis” e “acessíveis” ao grande público.

Subjacente às caracterizações quer de Aristóteles quer de Arendt está a ideia de que aquilo que diverte – a comédia, o objecto de lazer, o circo – apela às emoções, aos sentimentos mais baixos do homem, à distração, ao esquecimento, que são antagónicos da cultura. Esta, considerada no seu sentido individual – a educação –, não pode deixar de ser entendida como cultivo de si mesmo, tendo em vista o desenvolvimento de todas as suas potencialidades.¹⁷

Ora, como no passado, também hoje o papel da escola terá de residir não em divertir – ainda que o divertimento até possa ser utilizado como uma estratégia pedagógica, entre outras –, mas em exigir um esforço de reflexão e de elaboração da informação. Até porque nem sempre o que exige um esforço equivale ao aborrecimento; o esforço pode ser, pelo contrário, o mais atractivo que existe – como, o mostram, precisamente, actividades como os jogos, de que os desportivos constituem uma parte essencial.

2 A Internet como recurso educativo

É certo que, no conflito que na Antiguidade opôs o livro ao circo, foi este que, no imediato, levou a melhor – e uma das consequências dessa vitória foi o triunfo daqueles que,

¹⁷ Como refere H. Arendt, a educação é “aquilo que geralmente denominamos de livre desenvolvimento de qualidades e talentos pessoais.” Hannah Arendt, “A crise na educação”, in *Entre o Passado e o Futuro*, p. 239. Neste ensaio Arendt critica, precisamente, as teorias pedagógicas que querem fazer da escola um mundo à parte, da criança uma espécie de adulto e da educação um jogo permanente.

na altura, os romanos chamavam “bárbaros”: os que, não conhecendo as línguas em que poderiam ler os filósofos e os poetas (o grego e o latim), não poderiam ser considerados “humanos”. Mas isto não significa que, de acordo ainda com Sloterdijk, vivamos já em plena nova barbárie – ou, o que significa o mesmo, que a escola tenha soçobrado, definitivamente, perante os meios de comunicação electrónicos, nomeadamente a televisão. É isso mesmo que se depreende da sua utilização do condicional no aviso seguinte:

“Tal como o livro perdeu a luta contra os circos durante a Antiguidade, a escola poderia hoje falhar face às forças de educação indirectas, por exemplo a televisão, na falta de uma nova estrutura educativa”.¹⁸

Qual seja esta “nova estrutura educativa” que poderia (poderá) evitar o falhanço da escola perante as “forças de educação indirectas”, incluindo a televisão, não é indicado por Sloterdijk – que nos deixa, assim, a tarefa de a pensar.

Seja qual for essa estrutura educativa, ela não pode caminhar nem no sentido da oposição aos *media* – o que, dada a omnipresença destes no quotidiano de cada um dos estudantes e dos cidadãos em geral, seria perfeitamente estulto –, nem no sentido da sua imitação – que, a ser possível, equivaleria à própria dissolução da escola, transformada numa espécie de sucedâneo do “circo mediático”.

Significa, isto, que a escola não pode competir com os *media* no seu domínio específico? Precisamente. No domínio do divertimento, a escola não tem qualquer possibilidade de competir com a força

irresistível dos *media*, em particular da televisão. Mas isso não significa que a escola não possa utilizar os *media* a seu favor – como, aliás, já tem vindo a fazer. No que se refere concretamente à utilização educativa da Internet, devido às suas características específicas enquanto meio de comunicação, ela permite não uma “revolução”, como muitas vezes se anuncia, mas a ampliação e o aprofundamento de cada uma das possibilidades educativas já permitidas, há muito, por meios como a rádio ou a televisão. Mais concretamente, a Internet pode ser utilizada como:

1. Fonte de informação

Dada a sua natureza digital, interactiva e colaborativa, a Internet tem vindo a ser vista, praticamente desde os seus inícios, como uma espécie de “biblioteca universal”, em que podemos encontrar tudo o que queremos, desde a informação mais generalista à informação mais especializada – seja nas diversas enciclopédias digitais, seja nas diversas bibliotecas temáticas, seja nos diversos portais, seja ainda através dos vários motores de busca –, e que podemos descarregar, geralmente, de forma gratuita. A Internet pode ser utilizada, assim, de forma perfeita, como fonte de informação – e ponto de partida – dos temas a tratar, de forma mais aprofundada e/ou alternativa, pela própria escola. Neste âmbito, projectos como a *Wikipedia* ou o *YouTube* têm vindo a assumir, nos últimos tempos, uma relevância crescente tanto no que se refere à quantidade e qualidade dos conteúdos disponibilizados como à quantidade dos seus visitantes e utilizadores.

2. Recurso pedagógico-didáctico

¹⁸ Sloterdijk, *Règles pour le Parc Humain*, nota 13.

Mediante um computador e um projectador vídeo, a exposição do professor ou dos alunos pode apoiar-se nos vários recursos disponíveis na Internet – textos, gráficos, fotografias, vídeos, etc. –, seja de forma directa e imediata, em tempo real, seja de forma indirecta e mediata, depois de os submeter a um determinado tratamento. Ainda neste domínio, é possível utilizar a Internet para disponibilizar, aos alunos, nomeadamente os que não puderam estar presentes nas aulas, os conteúdos destas últimas, os materiais utilizados ou a explorar, os exercícios, as bibliografias, etc. – seja colocando esta informação numa página web, seja enviando-a aos alunos por e-mail. É neste contexto, precisamente, que deve ser referido o *e-learning* que, apesar de toda a importância que hoje já assume e virá a assumir, não esgota, de forma alguma, as utilizações da Internet como recurso educativo.

3. Instrumento de materialização de projectos

A Internet pode ser e já é utilizada, seja a nível de turma seja a nível de escola, para dar corpo a projectos digitais como um jornal, uma rádio ou uma televisão escolares, para construir uma página, fazer um blog, etc. Projectos deste tipo são uma excelente forma de motivar os alunos e de os levar a desenvolver a sociabilidade e a capacidade de trabalhar em grupo, a aprender de forma autónoma e a aprofundar o conhecimento do meio envolvente.

4. Objecto de estudo

À semelhança do que acontece com os outros *media*, a Internet é (deve ser) objecto de estudo e análise não só nas disciplinas

criadas para promoção da chamada “literacia mediática” – como é o caso das disciplinas de Tecnologias da Informação e da Comunicação –, mas também em disciplinas de âmbito mais geral como a sociologia, a antropologia, a economia, o português, etc., que procuram estudar as diversas questões da informação e da comunicação e, em particular, os funcionamentos e os efeitos sociais próprios das TICs.

É verdade que, e como já referimos, meios como a rádio ou a televisão são, de há muito, objecto destes quatro tipos de utilização. No entanto, as características específicas da Internet enquanto meio de comunicação permitem que esses tipos de utilização se desenvolvam de uma forma que aqueles meios não permitem, tornando-a um meio mais “amigável” para a escola e a sua cultura escrita de base humanista. Referimo-nos, nomeadamente, às seguintes características:

1. Comunicação interactiva

A interactividade é, seguramente, a característica da rede que mais tem sido acentuada pelos estudiosos. Se é certo que a rádio e a televisão também (já) envolvem determinadas formas e estratégias de interactividade – telefonemas ou e-mails dos destinatários, participação do público em directo, programas ao vivo, etc. –, elas estão longe de ter o alcance e a importância que têm na Internet, que não seria o que é sem essa mesma interactividade. Ora, não é a mesma coisa assistirmos, de forma passiva, a um “circo” que se desenrola diante dos nossos olhos, nos envolve e nos faz sentir determinadas emoções – ainda que possamos sempre mudar desse “circo” para

o do lado –, ou utilizarmos um meio em que não nos limitamos a receber o que outros produzem mas podemos, do nosso lado, produzir também o que outros recebem.

2. Revalorização da escrita

As funcionalidades mais importantes e mais utilizadas Internet, como sejam o correio electrónico, os vários instrumentos de publicação, nos quais se destacam, hoje em dia, os blogs, e a pesquisa através de motores de busca fazem intervir a escrita e a leitura de um modo que nenhum dos outros meios electrónicos o faz – aproximando, assim, mais a Internet da escola e da cultura escrita do que os outros meios electrónicos.

3. Economia de recursos

A Internet é um meio de comunicação cujo “conteúdo” são os outros meios de comunicação, incluindo os meios electrónicos como a rádio e a televisão. Nesse sentido, a sua utilização representa uma enorme economia de recursos, ao permitir conjugar meios que, por si sós, são sempre parcelares; ainda por cima mediante uma tecnologia relativamente fácil de adquirir e utilizar em quase todo o lado – em casa, na escola, numa biblioteca pública, num café, num parque, etc.

3 Os riscos associados ao uso da Internet

Apesar de todas as suas vantagens, a Internet não está isenta de riscos. Assim, um semanário português dava, há alguns dias, a seguinte notícia sobre Bill Gates:

“O fundador da Microsoft só dá aos filhos 45 minutos por dia para usarem o computador. E

vigia com atenção o uso que fazem da Internet. Mas está rendido ao jogo **Viva Piñata**, de que a filha mais velha é fã.”¹⁹

Como não é de admitir que Bill Gates tenha qualquer interesse em que as crianças e os jovens, incluindo os seus filhos, não utilizem o computador e a Internet, o seu procedimento só é compreensível a partir da consciência dos riscos envolvidos na utilização desses meios de que ele foi e é um dos principais inventores, promotores e beneficiários. Dos vários riscos envolvidos na utilização da Internet – riscos de natureza diversa e afectando actividades e instituições também diversas – referir-nos-emos, no que se segue, apenas aos que se ligam mais directamente à sua utilização pelos estudantes, a saber:

1. O plágio

O facto de a Internet representar uma super-biblioteca e um super-arquivo de informação, onde se encontra praticamente tudo o que se quer, permite que os estudantes, particularmente os de nível mais avançado, nos seus trabalhos de investigação individuais ou em grupo, utilizem materiais copiados de forma directa, isto é, sem um esforço pessoal de elaboração e/ou sem a referência às fontes.

Dada a quantidade de informação em causa, nem sempre é fácil, ao professor - para não dizermos que lhe é quase sempre difícil – identificar e situar o plágio; isto, claro, desde que os estudantes tenham o cuidado de verter, para português de Portugal, o português do Brasil, para nos referirmos àquela que é a situação mais corrente...

¹⁹ “Bill Gates educador”, in *Jornal Sol*, Edição nº24, 24 de Fevereiro de 2007, p. 1.

A luta do professor contra o plágio passa, em primeiro lugar, pela explicação, aos estudantes, da diferença existente entre uma citação, uma paráfrase, um comentário e um plágio – porque, por muito estranho que pareça, alguns dos plágios efectuados por estudantes resultam da sua pura e simples ignorância acerca da diferença entre aquelas modalidades textuais.

Há, depois, uma série de estratégias de índole mais ou menos “internetiana”, como a detecção das propriedades do documento plagiado, das suas hiperligações não removidas ou a pesquisa de certas das suas expressões num motor de busca.

Há, finalmente, uma estratégia que o professor pode e deve utilizar, permanentemente, de forma “preventiva”: a exigência de os estudantes e grupos apresentarem e discutirem os seus trabalhos na sala de aula, atribuindo-se a essa apresentação e discussão uma importância decisiva em termos de classificação dos mesmos.

2. A confusão informativa²⁰

Outro dos riscos frequentes que ameaçam os estudantes é o que deriva da sua incapacidade ou dificuldade de selecção da informação, de distinguir entre material relevante e irrelevante, fonte autorizada e fonte suspeita.

Este risco pode ser eliminado ou, pelo menos, minorado pelo professor se este seleccionar e indicar previamente, aos seus estudantes, determinados sítios de pesquisa da informação – um processo que acaba por ser, também, uma das melhores formas de lutar contra o plágio.

²⁰ Pretendemos, com esta expressão, traduzir a expressão inglesa *data smog* (“nevoeiro informativo”).

3. O desvio e a tagarelice

Os *chats* e o *Messenger* constituem duas das funcionalidades mais utilizadas pelos estudantes, sobretudo os mais jovens. Estas funcionalidades, que correspondem a uma necessidade de sociabilidade que lhes é intrínseca, e servem, muitas vezes, para prolongar e aprofundar, no ciberespaço, as amizades e outras relações do quotidiano, acarretam riscos não despendidos.

No caso dos *chats*, em que qualquer um pode entrar, o risco principal reside em a criança ou o jovem contactarem com indivíduos, normalmente disfarçados, que os procuram aliciar para actividades perigosas ou mesmo criminosas.

O *Messenger*, não tendo à partida tais riscos – a abertura a outros indivíduos é autorizada pelo próprio utilizador –, apresenta, contudo, um outro risco especialmente relevante, e que é comum aos *chats*: o tempo excessivo passado na conversa mais ou menos fútil – à semelhança do que tem vindo a acontecer, aliás, e cada vez mais, com os telemóveis.

4. O jogo e o vício

Outra das funcionalidades mais utilizadas pelos jovens é a dos diversos jogos on-line.

A generalidade desses jogos envolve, como no caso da conversa on-line que acabámos de referir, o risco de uma certa viciação que leva os jovens a esbanjar tempo e dinheiro – um esbanjamento (de dinheiro) que pode tornar-se um problema ainda mais sério se o jovem se habituar a fazer as suas apostas em certos jogos de azar disponíveis em determinados sítios da Internet.

Para além disso, alguns dos jogos on-line – concretamente, os chamados MMORPG (*Massive Multiplayer Online Role Playing*)

Game) –, em que o jogador é chamado a criar um *alter ego* virtual através do qual pode comunicar, interagir, dir-se-ia mesmo, viver, numa comunidade toda ela constituída por pessoas vivendo uma vida alternativa on-line, envolvem o risco de “alienação” da realidade. Existem mesmo casos de jovens que, chegando ao ponto de ignorar funções básicas como comer ou dormir, pereceram por exaustão ou que, transpondo todas as fronteiras entre o real e o virtual, se encarregaram de assassinar na vida real aquele que era seu inimigo apenas no plano virtual. Estes exemplos, ainda que extremos, devem servir para nos alertar para a influência decisiva que a Internet pode exercer sobre os jovens.

4 Bibliografia

- ARENDDT, Hannah, “A crise na cultura: sua importância social e política” in *Entre o Passado e o Futuro*, S. Paulo, Perspectiva, 2000, 5ª edição (original de 1954).
- ARENDDT, Hannah, “A crise na educação” in *Entre o Passado e o Futuro*, S. Paulo, Perspectiva, 2000, 5ª edição (original de 1954).
- ARISTÓTELES, *Poética*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998, 5ª edição.
- BOURDIEU, Pierre, *Sur la Télévision*, Paris, Liber, 1976.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, *A Educação e os Meios de Comunicação Social*, Actas do Seminário realizado em 2 e 3 de Dezembro de 1993, na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Conselho Nacional de Educação, 1994.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, *A Sociedade da Informação na Escola* (Relatos de um Debate realizado a 29 de Janeiro de 1998), Lisboa, Conselho Nacional de Educação, 1998.
- DEBORD, Guy, *La Société du Spectacle*, Paris, Gallimard, 1992.
- ECO, Umberto, *La Guerre du Faux*, Paris, Grasset, 1985.
- POPPER, Karl, CONDRY, John, *Televisão, um Perigo para a Democracia*, Lisboa, Gradiva, 1995.
- POSTMAN, Neil, *Amusing Ourselves to Death*, New York, Penguin Books, 1986.
- SLOTERDIJK, Peter, *Règles pour le Parc Humain. Réponse à la Lettre sur l’Humanisme*, 1999, <http://www.cite.uqam.ca>. (Edição impressa: *Règles pour le parc humain: Une lettre en réponse à la Lettre sur l’humanisme de Heidegger*, Paris, Mille et une Nuits, 2000).
- UNESCO, *Many Voices One World* (Relatório Mac Bride), Unesco, Paris, 1980.